

<b>Visão</b>	Periodicidade:	<b>Semanal</b>	Temática:	<b>Política</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>505 cm<sup>2</sup></b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>122288</b>	Página (s):	<b>38/39</b>

11-01-2007

>> VOOS DA CIA

# Americanos analisam passagens por Portugal

Advogados também estão a averiguar se o avião utilizado para transportar seis argelinos para Guantánamo passou pelo espaço aéreo nacional

RUI COSTA PINTO

ÀS IMAGENS CHOCANTES QUE revelam a forma como os militares dos Estados Unidos da América (EUA) transportaram prisioneiros, detidos ao arripio de todas as convenções internacionais. As imagens e os relatos são cada vez mais precisos e começam a correr mundo à medida que crescem o debate e as críticas, nos próprios Estados Unidos, e se deu início à libertação, a conta gotas, de prisioneiros que estão em Guantánamo há mais de quatro anos. As fotos do dia-a-dia de alguns dos seis argelinos residentes na Bósnia, antes de serem detidos ilegalmente, e o cenário rocambolesco do transporte para a prisão do enclave norte-americano em Cuba valem mais que mil palavras.

O interesse do caso – Bosnian Six –, um dos primeiros a ter repercussão mundial, que remonta a 2002, é acrescido pelo facto de o aparelho que os conduziu a Guantánamo poder ter passado por Portugal, de acordo com documentos a que a VI-

SÃO também teve acesso, nomeadamente alguns memorandos da USTRANSCOM (United States Transportation Command – o comando norte-americano que coordena, a nível mundial, em tempo de paz e de guerra, as missões com aparelhos militares e comerciais), classificados como «secret» (*ver fac simile*).

O cruzamento dos dados entregues aos advogados, ao abrigo da legislação que garante o acesso à informação da Administração norte-americana (Freedom of Information Act), e o registo dos voos que constam da lista da NAV (empresa pública responsável pelo controlo do tráfego aéreo), revelados pela VISÃO (*Os voos de Guantánamo que o Governo português não revelou à União Europeia*), na edição de 21 de Dezembro de 2006 –, permitem concluir que o aparelho que transportou os seis argelinos para o seu cárcere, a 20 de Janeiro de 2002, onde ainda se encontram, são uma peça essencial da investigação. Isto, apesar das rasuras impedirem um conhecimento total

e em pormenor da operação.

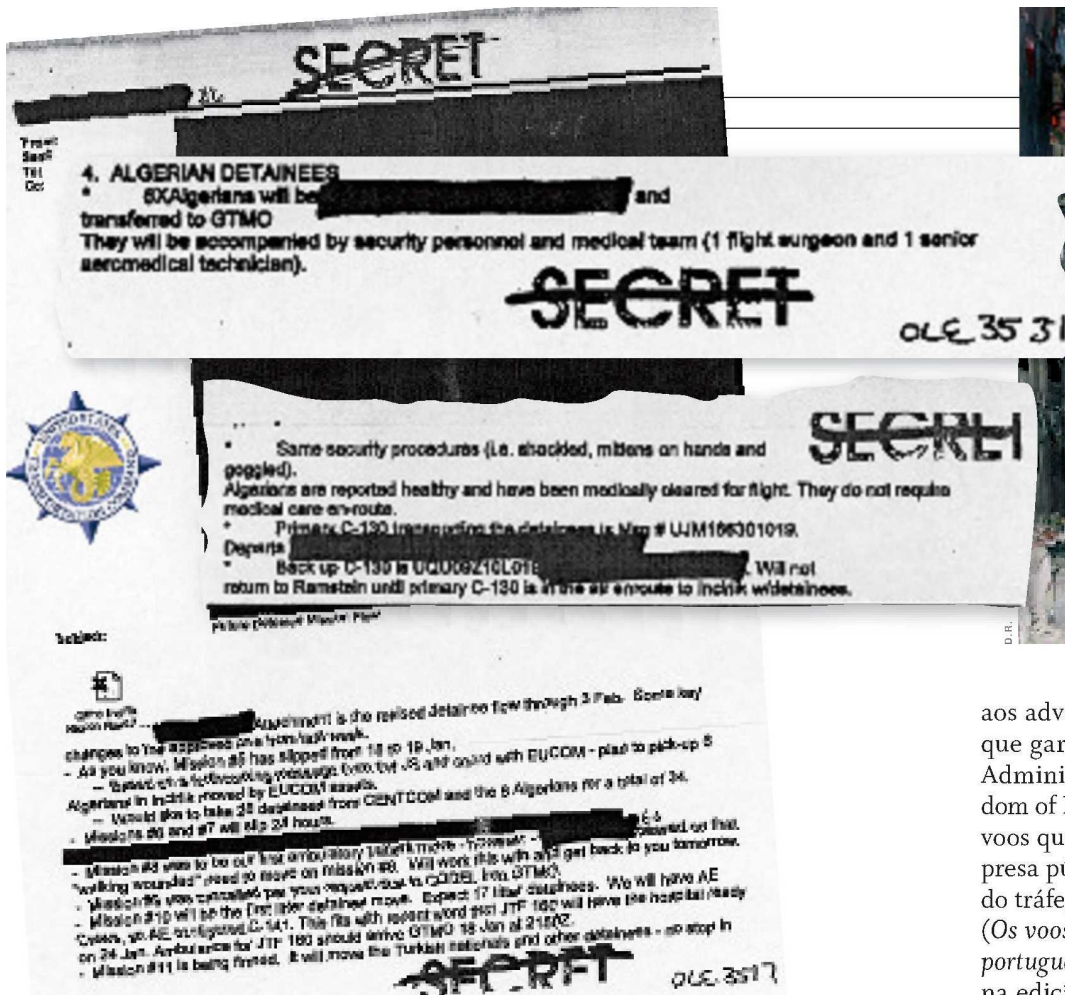
**EM CAUSA ESTÁ O VOO RCH317Y.** Ora, a sigla RCH é uma das utilizadas pela USAF (força aérea norte-americana). Todavia, entre os documentos norte-americanos e os portugueses reside – além de outras dúvidas – o mistério da diferença da última letra da identificação do voo. No documento português é usado um «Y» e no americano surge um «9», uma discrepância que continua por explicar.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros, contrariamente ao que José Sócrates prometeu na Assembleia da República, continua indisponível para explicar esta e outras questões, apesar da VISÃO o ter solicitado, por escrito, na segunda-feira, 8.

Os documentos da USTRANSCOM, relativos ao transporte de Mustafa Ait Idir, Hadz Boudella, Lakhdar Boumediene, Saber Lahmar, Mohamed Nechle e Belkacem Bensayah, um dos primeiros casos a saltar para a ribalta mediática, não dei-



<b>Visão</b>	Periodicidade:	<b>Semanal</b>	Temática:	<b>Política</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>505 cm²</b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>122288</b>	Página (s):	<b>38/39</b>
11-01-2007				



xam dúvidas quanto ao destino: Guantánamo. Nem tão-pouco quanto ao elevado número e ao secretismo das operações. A partir deles também é possível compreender o padrão das transferências, já que, passaram pela Turquia, por Incirlik, uma base identificada com o código «LTAG». Ora, um voo de Incirlik para Guantánamo, um dos 94 voos identificados na lista da NAV, passou por Portugal a 20 de Janeiro de 2002. E mais. Ainda está por justificar por que razão foram autorizados no âmbito da operação *Enduring Freedom* (Liberdade Duradoura), que marcou, a partir de

Novembro de 2001, a intervenção norte-americana no Afeganistão. Tanto mais que uma eventual «autorização genérica» não deveria servir para este tipo de operações, nem poderia contemplar aviões kuwaitianos e sauditas, como os que atravessaram espaço aéreo português (entre Guantánamo e Casablanca), em 31 de Novembro de 2005 e 24 de Junho de 2006.

**OS MAIS RECENTES** desenvolvimentos, nomeadamente a denúncia pública de Ana Gomes, que afirmou ter tido conhecimento de relatos de testemunhas que vi-

ram «presos agrilhoados» na Base das Lajes, voltou a relançar a polémica. Aliás, de acordo com declarações à TV NET e à agência Lusa, depois de regressar dos Açores, a eurodeputada já admitiu «recorrer à Justiça portuguesa», através de uma participação ao procurador-geral da República, Pinto Monteiro (que ainda não se pronunciou sobre os voos da CIA), da utilização do espaço e território nacionais para o transporte ilegal de prisioneiros, o que tem sido negado, sistematicamente, pelo Governo de José Sócrates. ■

<b>Visão</b>  11-01-2007	Periodicidade:	<b>Semanal</b>	Temática:	<b>Política</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>505 cm<sup>2</sup></b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>122288</b>	Página (s):	<b>38/39</b>



**CONTRASTE** De Sarajevo, com o filho, um dos prisioneiros passou para o inferno de Guantánamo, num voo em condições degradantes (à esquerda)